



Juventudes e agroecologia - apropriação e transformação do espaço urbano

Youth and Agroecology - Appropriation and Transformation of Urban Space.

MARTINS, Ghiulia Cabral¹

¹ Universidade Federal de Minas Gerais / AUÊ! Estudos em Agricultura Urbana,
ghiuliacabral@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Juventudes e Agroecologia

Resumo: Na cidade de Belo Horizonte (Minas Gerais), movimentos e coletivos têm se apropriado de espaços públicos a fim de realizar intervenções agrícolas, culturais e educativas, a partir dos princípios da agroecologia. As juventudes têm se aproximado cada vez mais desses grupos, somando-se à luta e trazendo outros conhecimentos, expectativas e dinâmicas. O presente trabalho pretende analisar como essas relações têm se construído, buscando trazer reflexões sobre a importância da sensibilização de jovens urbanos para a pauta da agroecologia e apontando experiências concretas.

Palavras-chave: juventude; agricultura urbana; produção do espaço.

Introdução

Na cidade de Belo Horizonte (Minas Gerais), têm surgido movimentos e coletivos comprometidos com a promoção da agroecologia, que estão ativamente ocupando e transformando espaços públicos, visando estabelecer novas interações e conexões com a cidade e a natureza. Em muitos desses grupos, as juventudes se mobilizam para participar da organização, mobilização, mutirões e outras atividades.

O presente trabalho tem o objetivo de discutir a relação entre as juventudes urbanas e a agroecologia, apontando para experiências concretas de apropriação e transformação do espaço, que visam construir ambientes de reprodução da vida conectados à agricultura urbana e à agroecologia.

Lefebvre (1999) desenvolve uma ampla crítica à ideologia urbanística predominante, que se manifesta como uma visão redutora e simplificadora da prática e da realidade urbana. Essa abordagem é marcada por uma série de elementos problemáticos, tais como interesses particulares e políticos, conflitos de representações e vontades, bem como uma lógica industrial e de lucro, onde o valor é atribuído apenas às atividades que geram retorno financeiro, enquanto outras dimensões fundamentais, como o bem-estar social, a qualidade de vida e a preservação do meio ambiente, são relegadas a segundo plano. Ignorando a diversidade social, cultural e econômica que permeia a vida urbana, priorizando uma visão simplificada e uniformizadora em nome de interesses econômicos e políticos.

A perspectiva lefebvriana desafia a ideologia urbanística dominante, ressaltando a importância de considerar a cidade como um espaço multifacetado, onde



diferentes interesses, perspectivas e modos de vida coexistem. Sendo assim, é viável se pensar em abordagens mais inclusivas e participativas, que valorizem a diversidade, promovam a justiça social e permitam a construção de cidades mais humanas, que atendam às necessidades de todos os seus habitantes.

Neste cenário, lutas e intervenções coletivas *Agroecologia no Brejinho*, *Clareia a Terra*, *Hortelões da Lagoinha*, e outros grupos existentes em Belo Horizonte (BH), podem ser consideradas formas de resistência frente aos processos de urbanização que acabam por marginalizar, descaracterizar e limitar práticas sociais em certos espaços urbanos. Os grupos aqui citados buscam (re)construir e transformar espaços públicos, motivados por várias razões, entre elas, a vontade de estar em contato com a natureza e com a terra, proteger as águas e a biodiversidade, fazer agroecologia na prática, trocar conhecimentos e viver a cidade de uma outra forma.

Metodologia

Os dados deste trabalho foram obtidos a partir de dois métodos: questionário e entrevista estruturada com participantes das experiências. O questionário levanta informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com base em questões sistematicamente articuladas. As entrevistas, por sua vez, articulam perguntas direcionadas e previamente estabelecidas, procurando obter, do universo de sujeitos, respostas também mais facilmente categorizáveis, sendo assim muito útil para o desenvolvimento de levantamentos sociais (SEVERINO, 2013).

Por fim, a bibliografia utilizada nesta pesquisa explora a conexão entre juventude, apropriação do espaço, produção do espaço urbano, agricultura urbana e agroecologia, destacando a importância da participação dos jovens na transformação de seus territórios através de práticas coletivas e agroecológicas.

Resultados e Discussão

Na cidade de Belo Horizonte, grupos da agroecologia têm se apropriado de espaços públicos a fim de realizar intervenções agrícolas, culturais e educativas, a partir da agroecologia. Nesses movimentos, as juventudes têm se aproximado cada vez mais, reoxigenando a luta e trazendo outros conhecimentos, perspectivas e dinâmicas. Ao se envolverem com práticas agroecológicas, os jovens têm a oportunidade de despertar o interesse a respeito da produção de alimentos saudáveis, respeito ao meio ambiente e conexões com a comunidade. Além disso, a agroecologia promove a valorização dos conhecimentos tradicionais, o empoderamento das mulheres e a promoção da justiça social (WEZEL et al, 2020). O espaço público é um fator essencial para a inclusão social e territorial, e é um espaço essencial de disputa pela liberdade, representatividade e visibilidade (CARRIÓN, 2008). Dessa forma, a ocupação e apropriação de um local significa disputar seus significados, interesses e propósitos.

A apropriação social pode ser entendida como uma forma de destinar algo ao coletivo, de forma a beneficiar a sociedade (DARDOT E LAVAL, 2015). Para os



autores, a apropriação social se dá de duas maneiras: (1) apropriação de uma coisa para um determinado fim, para satisfazer certas necessidades sociais, por exemplo; e (2) fazer de algo a sua propriedade ou sua posse. Diante desse cenário, o tipo de apropriação enquadra-se na primeira alternativa, já que o movimento é pelo cuidado da área em nome do interesse coletivo.

Entende-se que o movimento que se articula pela apropriação de espaços públicos para agricultura e agroecologia, manifestações culturais, atividades pedagógicas ou reprodução de práticas cotidianas, não se caracteriza em termos de “propriedade” e sim na disputa pelo uso coletivo. Movimentos como esses apontam para a possibilidade de (re)pensar o urbano e transformar as relações socioambientais na cidade.

A experiência do Hortelões da Lagoinha surgiu, por exemplo, a partir do olhar de uma moradora do bairro para um canteiro vazio e sem uso, no bairro Lagoinha, após a duplicação da avenida Antônio Carlos, que gerou espaços subutilizados ao seu redor. O bairro Lagoinha é bastante estigmatizado pela falta de infraestrutura, violência e vulnerabilidade social.

A partir de muita articulação, em 2017 iniciou-se a construção do Quintal do Sô Antônio e a formação do coletivo Hortelões da Lagoinha, que contou com a participação de moradoras/es do bairro, estudantes universitários, professoras, e profissionais de diversas áreas. Essa mobilização contou com uma forte presença das juventudes, principalmente de estudantes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (ORNELAS, 2021).

A transformação do espaço aconteceu a partir de mutirões e trocas, a experiência tem como objetivo promover práticas agroecológicas, cultivar ervas medicinais, hortaliças, flores e outras plantas. A iniciativa mudou drasticamente a estética do espaço e já foi o local de uma série de atividades educacionais, culturais e de trabalho com a horta (Figura 01) (ORNELAS, 2021).



Figuras 01: Quintal do Sô Antônio, 2016 x 2023.
Fonte: Google Street View, 2023.

Já a horta Clareia a Terra, que nasceu junto a outros projetos do Bairro Lagoa, na região de Venda Nova, surge como estratégia de criar espaços que permitam aos moradores se aproximarem da natureza, cultura, lazer e comunidade, além de cuidar das águas, do meio ambiente e trazer a atenção do poder público para o espaço (Figura 02).

A horta, que começou em 2021, faz parte de um processo mais amplo do coletivo Capão, que surgiu em 2013 com o objetivo de mapear e cuidar das nascentes do Córrego Capão, instalar pontos limpos e realizar atividades culturais. As atividades



culturais se mostram muito presentes nas experiências aqui relatadas, para a nesse caso, a realização de eventos de grafite, que posteriormente tornaria-se a Galeria Diamante, mobilizada por um jovem da comunidade, são uma forma de conscientizar e interessar moradores do bairro a participarem do projeto.



Figura 02: Espaço adjacente à horta Clareia a Terra, 2014 x 2023.
Fonte: Google Street View, 2023.

O coletivo Agroecologia no Brejinho também começou com a luta pela implementação de um parque e pela defesa das águas e plantas do local. O movimento iniciou-se em 1997, com a mobilização da associação comunitária do bairro São Francisco, localizado na região norte de BH. A luta pelo parque também tinha uma ligação importante com o uso do espaço, que por muito tempo foi uma área em que aconteciam práticas como a pesca, lavagem de roupas, produção de hortaliças e atividades de lazer, principalmente pelas crianças. Entretanto, com a degradação da área, essas atividades foram impossibilitadas.

Em 2019, surge o coletivo Agroecologia no Brejinho, a partir da chegada de jovens interessados em agroecologia, principalmente vindos de cursos da UFMG, que fica próxima ao local da experiência. Essas juventudes somaram-se à luta, trazendo a bandeira da agroecologia e a possibilidade de construir um Sistema Agroflorestal em uma área delimitada do terreno, além de continuar pressionando o poder público pela formalização do parque, conquistada no ano de 2021.



Figura 03: Agroecologia no Brejinho, 2019 x 2023.
Fonte: Acervo Agroecologia no Brejinho, 2019 e 2023.



Conclusões

A presença das juventudes em experiências de agroecologia nas cidades são de extrema importância para a continuidade, manutenção e visibilidade dessas práticas. A chegada de jovens garante a renovação e fortalecimento dos movimentos, além de sensibilizar as novas gerações sobre a produção e consumo de alimentos saudáveis, engajamento social e comunitário, relações mais sustentáveis e justas na cidade e outros modos de vida e saberes existentes, através da agroecologia.

O debate sobre a permanência das juventudes no campo, como traz Castro (2005, p.25), aponta para a possibilidade de reconhecer a “juventude” como “agente de uma transformação social que resgate o campo”. Nesse contexto, entende-se que, se há agricultura urbana, também devemos falar sobre como garantir a permanência das juventudes dentro de experiências agrícolas presentes nas cidades.

É necessário evidenciar que ações que visibilizam e compartilham os conhecimentos agroecológicos ajudaram a cativar e atrair pessoas para dentro desses e outros coletivos, tais como disciplinas, aulas e práticas de agroecologia na universidade, cursos como o Trilha da Agroecologia e outros que abordam essa temática, ofertados pela Subsecretaria de Segurança Alimentar e Nutricional da prefeitura de BH (SUSAN/PBH), Núcleos de Agroecologia, como, por exemplo, o grupo AUÊ! Estudos em Agricultura Urbana da UFMG, além de encontros, oficinas e outras atividades.

Muitos desafios aparecem na participação das juventudes nas experiências relatadas, entre eles, a falta de incentivo e ausência de remuneração que garanta a permanência de pessoas atuantes nas iniciativas. Entende-se que hortas e agroflorestas comunitárias proporcionam, entre muitas coisas, bem estar, qualidade ambiental, segurança alimentar e nutricional, saúde, construção e compartilhamento de saberes. Portanto, é urgente pensar meios que viabilizem a participação de juventudes e continuidade dos coletivos de agroecologia.

Agradecimentos

Aos participantes do Agroecologia no Brejinho, Clareia a Terra e Hortelões da Lagoinha. Ao grupo AUÊ!/UFMG. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

Referências bibliográficas

CARRIÓN, Fernando (2008). **Violencia urbana**: un asunto de ciudad. EURE, XXXIV (103), 111-130.

CASTRO, Elisa G. de. **Entre Ficar e Sair**: uma etnografia da construção da categoria jovem rural. Tese (Doutorado no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social). Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS, 2005.

DARDOT, Pierre.; LAVAL, Christian. 2015. Propriedade, apropriação social e instituição do



comum. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, v. 27, n. 1, p. 261 - 273.

LEFEBVRE, Henri. 1999. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora da UFMG.

ORNELAS, Gabriel. M. **Agroecologia e política: ações coletivas e institucionalização da agroecologia no município de Belo Horizonte (1993-2020)**. Dissertação (Mestrado no Programa de Pós-graduação em Ciência Política). Belo Horizonte: UFMG, 2021.

SEVERINO, Antônio J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo, Cortez, 2014.

WEZEL, Alexander, HERREN, Barbara; KERR, Rachel; BARRIOS, Edmundo; GONÇALVES, André Luiz; SINCLAIR, Fergus. Agroecological principles and elements and their implications for transitioning to sustainable food systems. A review. **Agronomy for Sustainable Development** volume 40, Article number: 40 (2020).